As novas regras *do jogo*

Ex-número 1 do tênis mundial, Maria Sharapova fala sobre os sacrifícios de uma carreira extraordinária, a independência conquistada nos negócios e o que a maternidade lhe ensinou sobre abrir mão do controle

Por **MARÍLIA KODIC**

MARIA SHARAPOVA passou boa parte da vida com uma medida bastante objetiva de sucesso. No tênis, afinal, não há muito espaço para interpretações. Aos 17 anos, conquistou Wimbledon e se tornou uma estrela mundial. Ao longo da carreira, venceu cinco títulos de Grand Slam e chegou ao topo do ranking. Mas, desde que se aposentou das quadras, em 2020, a ex-tenista russa precisou encontrar outras maneiras de avaliar as próprias conquistas. "Em vez de olhar só para os resultados, procuro perceber se continuo curiosa, aprendendo e evoluindo", diz.

Hoje, aos 39 anos, Sharapova divide seu tempo entre a maternidade e projetos que vão além do esporte. Integra o conselho da grife franco-italiana Moncler, investe em empresas voltadas à saúde feminina e apresenta o podcast *Pretty Tough*, no qual conversa com mulheres sobre ambição e sucesso. Durante sua passagem por São Paulo, a convite do Bradesco, patrocinador do SP Open, ela conversou com *Marie Claire* sobre os sacrifícios de uma infância dedicada ao tênis, a rivalidade com Serena Williams e a independência que conquistou como empresária e investidora. Também falou sobre como a maternidade vem lhe ensinando a flexibilizar expectativas e abrir mão do controle. E a encontrar, nas brincadeiras com o filho Theodore, de 4 anos, um prazer pouco familiar: o de não precisar ser a melhor do mundo.

No tênis, o resultado de uma partida é inquestionável. Hoje, fora das quadras, como você define e mede o sucesso? Durante a maior parte da minha vida, o sucesso tinha um placar. Ou você ganhava, ou perdia. Eu adorava essa clareza e, às vezes, sinto falta dessa simplicidade. Desde que me aposentei, precisei aprender que, fora do esporte, o sucesso costuma ser muito mais difícil de medir. Uma empresa pode levar anos para mostrar a que veio. Uma conversa no podcast pode tocar um ouvinte de um jeito que você nunca vai ficar sabendo. Tentei ajustar minha visão de sucesso a essa realidade. Em vez de olhar só para os resultados, procuro perceber se continuo curiosa, aprendendo e evoluindo. Para ser sincera, ainda estou trabalhando nisso, mas esse é o objetivo.

Sua imagem pública se formou muito cedo. Existe algo que as pessoas ainda imaginam sobre você e que não corresponde à mulher que você é hoje? Eu tinha 17 anos quando venci Wimbledon e muita gente formou uma imagem de mim ali. A menina extremamente concentrada, que quase não sorria entre um ponto e outro e não fazia amizades no vestiário. Parte disso era verdade. Eu estava ali para trabalhar e protegia meu foco porque precisava. Mas as pessoas confundiram essa intensidade com frieza. Hoje sou muito mais aberta, dou muita risada, e as pessoas costumam se surpreender quando descobrem que tenho senso de humor. Adoro estar perto de quem é melhor do que eu em alguma coisa e não tenho problema em admitir quando não sei algo. Muitos esperam que eu seja fechada, mas a verdade é que, finalmente, tenho espaço para não ser.

> "Muitos esperam que eu seja fechada e se surpreendem quando descobrem que tenho senso de humor"
>
> MARIA SHARAPOVA

416EntrevistaSharapova.indd 70 26/10/2026 19:05:12



416EntrevistaSharapova.indd 71 26/10/2026 19:05:15

Há algum sacrifício que você fez pela carreira e que hoje não recomendaria a uma menina que está começando? Meu pai e eu fomos para a Flórida quando eu tinha 6 anos. Não falávamos inglês, não tínhamos muito dinheiro, não conhecíamos ninguém nos Estados Unidos e ficamos cerca de dois anos longe da minha mãe por causa de problemas com o visto. Essa decisão deu muito certo para mim e para a minha família, foi a base de tudo o que tenho, mas, olhando para trás, vejo que foi uma aposta extremamente arriscada. Eu teria muita dificuldade em aconselhar outra família a apostar tão alto em uma criança tão pequena quanto eu era.

Olhando para a forma como sua rivalidade com Serena Williams foi retratada, o que refletia sua experiência real e o que atendia à expectativa de ver duas mulheres em conflito? A parte real era a competição. A Serena me fez ir além do que eu imaginava ser capaz, e ela já disse o mesmo sobre como a nossa rivalidade a motivou a jogar seu melhor tênis. O respeito também era, e continua sendo, verdadeiro. Éramos duas pessoas muito determinadas disputando o mesmo título, e só uma de nós podia vencer.

Olhando para o que as tenistas vestem hoje, você vê mais liberdade para expressar estilo pessoal? Durante sua carreira, como você equilibrava o que queria vestir com as expectativas dos patrocinadores e as regras dos torneios? É ótimo ver como a moda no tênis evoluiu nos últimos anos. Tive a sorte de ter uma longa parceria com a Nike, e criamos juntos meus looks de quadra por muitos anos. Eu participava das reuniões de design. O pretinho básico no US Open e a jaqueta inspirada em smoking em Wimbledon eram ideias que importavam para mim. Mas sempre havia limites. Wimbledon exige que tudo seja branco, e com isso você aprende a se expressar pelos cortes, pelas texturas e pelos detalhes. De certa forma, isso me ensinou muito sobre design, porque as restrições obrigam você a ser precisa.

Você faz parte do conselho da Moncler. Qual discussão sobre o futuro da moda mais te mobiliza hoje? O que mais me interessa é como uma marca continua desejada e relevante ao longo de gerações sem perder aquilo que a torna especial. A Moncler tem uma identidade muito clara, mas o consumidor está mudando, a forma como as pessoas descobrem marcas está mudando e o próprio conceito de luxo está mudando. As pessoas querem entender como algo é feito e se vai durar. Eu olho para isso com olhar de atleta: penso em desempenho, durabilidade, nas coisas com as quais você pode contar em condições difíceis. É aí que tradição e inovação se encontram, e é nessa conversa que sempre acabo me envolvendo.

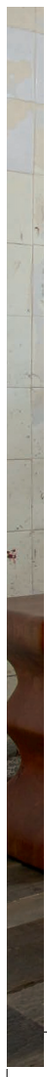
Depois de tantos anos treinando o corpo para entregar resultados, de que maneira sua forma de entender limites físicos mudou? Por muito tempo, meu corpo foi uma máquina da qual eu tentava extrair cada vez mais. Insisti em jogar com dor mais do que deveria, e meu ombro foi uma lição bem longa sobre o que acontece quando você faz isso. Hoje, escuto os sinais muito antes. Agora, movimento tem a ver com prazer, energia e longevidade. Ainda me desafio, mas para crescer, e não para alcançar um resultado específico.

"Meu corpo foi uma máquina da qual eu tentava extrair cada vez mais. Agora, movimento tem a ver com prazer, energia e longevidade"

M.S.

A maternidade transformou alguma crença sua sobre disciplina e expectativas? A maternidade mudou minha perspectiva de muitas formas. Eu achava que disciplina tinha a ver com controle e certeza e, como qualquer mãe ou pai sabe, ter uma criança pequena é praticamente o oposto disso. Precisei aprender a deixar as coisas fluírem muito mais do que eu jamais tinha me sentido confortável, e a flexibilizar minhas expectativas sobre como cada situação vai acontecer. Da minha infância, adoraria passar adiante a ética de trabalho. Espero que ele absorva a ideia de que terminamos o que começamos e de que o esforço é algo que podemos controlar, mesmo quando os resultados não são. Não quero que meu filho carregue o peso das expectativas. Isso funcionou a meu favor quando eu era criança, mas é preciso uma personalidade muito específica para lidar com esse tipo de pressão.

No seu podcast, *Pretty Tough*, você conversa com mulheres sobre ambição e sucesso. De que pergunta você sentia falta nas entrevistas que dava e quis levar para essas conversas? Durante a maior parte da minha vida, quase



FOTOS: DIVULGAÇÃO

416EntrevistaSharapova.indd 72 26/10/2026 19:05:17

todas as perguntas que me faziam eram sobre tênis. Eu entendia o motivo, mas eu era muito mais do que minha posição. Também era uma menina que amava design, que lia sobre negócios e tinha curiosidade por mil coisas que nunca apareciam numa coletiva de imprensa. As mulheres, principalmente, são colocadas numa caixinha muito cedo: ou você é a atleta, ou a mãe, ou a fundadora, ou a atriz. Escolha uma, fique nela e ainda faça parecer que é fácil. Nunca concordei com isso, e as mulheres que mais admiro são multifacetadas. O podcast é um espaço onde mulheres de alta performance podem falar de quem são por inteiro, sem filtro. As melhores conversas acontecem quando a convidada deixa de lado a resposta ensaiada e conta o que realmente foi preciso para chegar lá.

Você começou a investir quando ainda competia. Como tornar-se investidora ampliou sua independência e seu controle sobre as decisões? O fato de ser mulher influenciou a forma como você transita nesse meio? Como atleta, muitas decisões são tomadas ao seu redor ou em conjunto com a sua equipe. Investir foi um dos primeiros espaços em que construí algo inteiramente a partir do meu próprio julgamento. Comecei cedo e errei, mas foram erros meus. Meu trabalho nos negócios facilitou a transição para a vida fora do tênis. Não precisei esperar que alguém me oferecesse oportunidades. Ser mulher influenciou a forma como me posiciono nesse meio, no sentido de que sou naturalmente atraída por fundadoras e empresas focadas na saúde e bem-estar feminino.

Você investiu em uma empresa que atua com congelamento de óvulos. O que despertou seu interesse pela autonomia reprodutiva das mulheres? Como atleta, o relógio do seu corpo muitas vezes anda na contramão das prioridades fora da carreira. Seus anos de auge são justamente aqueles em que muitas mulheres ouvem que deveriam estar pensando em formar uma família. O que me atraiu na empresa é que ela trata a saúde reprodutiva como algo que as mulheres devem entender e planejar nos seus próprios termos. Fui mãe depois de encerrar a carreira e sei o quanto tive sorte com esse timing. Nem todas têm essa sorte, e as opções de uma mulher não deveriam depender disso.

Qual foi a última coisa que você fez pelo prazer de ser iniciante, sem precisar ser excelente? Trabalhos de arte com meu filho. Pintar, colar, construir coisas. Não sou particularmente boa nisso, mas ele não liga, e essa é a melhor parte. Não existe jeito certo de fazer nem objetivo, a não ser passar tempo juntos, e isso é revigorante para mim. Ele está me ensinando a ser iniciante de novo. ■



416EntrevistaSharapova.indd 73 26/10/2026 19:05:20